

Conversão da dívida não é a salvação para o País, dizem economistas

por **Guilherme Barros**
do Rio

A conversão da dívida não é a salvação para os problemas da dívida externa brasileira nem para as necessidades de financiamento para investimentos de que o País necessita. A histeria que existe em torno desse tema é provocada principalmente pela grave crise econômica que o Brasil atravessa e pela falta de alternativas para sair desse impasse.

O diagnóstico foi feito ontem por diversos economistas que participaram do seminário sobre conversão da dívida em capital de risco, promovido pela Câmara de Comércio Americana para o Brasil. Entre os técnicos que avalizaram essa conclusão, destacam-se o ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, o vice-presidente do Banco do Brasil, Adroaldo Moura da Silva, e o ex-consultor econômico do presidente José Sarney, Luís Paulo Rosenberg.

Os três economistas concordaram em que as discussões sobre a conversão da dívida em capital de risco estava superdimensionada. Pastore, que ficou encarregado de fechar o seminário, destacando suas conclusões frisou que o máximo de riscos que a conversão poderia propiciar seria de US\$ 2 bilhões ao ano, uma quantia que em relação ao total da dívida externa brasileira não representava muitos benefícios.

A importância da conversão da dívida foi minimizada a partir das declarações de Adroaldo Moura da Silva, a grande estrela do seminário, que despiu os mitos existentes em torno do tema, afirmando que os investimentos não estão acontecendo na economia não por falta da regulamentação do processo de conversão, mas pela crise econômica e pela instabilidade política, deixando dúvidas se sua regulamentação irá favorecê-los.